

## COMENTÁRIO

### Nomos e *Physis* no pensamento herdado: a ilogicidade fundadora da ciência econômica

Renato Caporali\*

Permitam-me começar com uma confissão que revela os angustiantes limites impostos ao estudante que elabora uma tese de doutorado: esta é a primeira vez que abordo publicamente a idéia que esteve na própria base de todo o trabalho de entendimento e elaboração de minha tese «Vers une théorie de la richesse sociale», cujo resumo foi publicado no Brasil pela Editora Loyola, sob um título que procurava remeter ao estilo dos clássicos: **Da Riqueza das Nações à Ciência das Riquezas** (1995). Quem procurar no livro a abordagem que se fará aqui, encontrará uma única nota de pé-de-página, onde apenas é mencionado que a tese como um todo era tributária de um problema bem mais amplo. Abordá-lo claramente na tese seria conferir-lhe uma amplitude incompatível com os limites que normalmente se impõe a um estudante, ainda que orientado por esse corajoso diretor de teses que é o Prof. Ignacy Sachs.

Este estudo foi estruturado sobre a percepção de uma contradição existente no interior e atravessando toda a reflexão econômica. Pude compreendê-la a partir do exame de um genial ensaio publicado por Cornelius Castoriadis em 1978, «Valor, Justiça, Igualdade: de Marx a Aristóteles, de Aristóteles a nós»<sup>1</sup>, e cuja responsabilidade pela tradução tinha sido a mim atribuída por aquele pequeno grupo de universitários de Belo Horizonte unidos em torno da tentativa de enfrentar a radicalidade do colapso do socialismo - colapso econômico, político, social e até moral - e visando a preparação daquela que se tornou a primeira publicação sobre Castoriadis no Brasil.<sup>2</sup>

Este texto contém elementos cuja fecundidade ainda não foi plenamente explorada. Uma de suas idéias centrais é a tese de que o Pensamento Herdado - uma das categorias centrais da obra de Castoriadis

e que pode ser compreendida como sendo o amplo escopo filosófico e científico ocidental - estabelece uma imbricação entre a ordem do *nomos* (a convenção, lei social) e a ordem da *physis* (natureza), imbricação esta que exprimiria a incapacidade de conceber a criação histórica como fenômeno irreduzível e levaria a uma naturalização das relações sociais e políticas, com implicações políticas de conformismo e de recusa da *criação* radical. No ensaio «De Marx a Aristóteles...», Castoriadis se dedica a mostrar como uma série de problemas radicalmente sociais e políticos são «resolvidos» por Marx, de maneira mecânica, na sua teoria do valor através dos conceitos de trabalho abstrato e trabalho socialmente necessário. Esses conceitos lhe permitiam proporcionar um fundamento aparentemente universal e realista para o fenômeno do Valor (que era a preocupação essencial da Economia Política), eliminar o conflito distributivo,

<sup>1</sup> Este texto foi publicado no Brasil pela Editora Paz e Terra sob o título *Encruzilhadas do Labirinto*, em 1987.

<sup>2</sup> *Revolução e Autonomia* foi publicado por uma cooperativa editora dos estudantes da Fac. Ciências Econômicas da UFMG em 1981, resultado de um trabalho do grupo de mestrados Paulo Volker, Newton Bignotto, Jesus Santiago, Vicente Jau e o Autor.

de caráter radicalmente político através de uma metafísica econômica e, com isso, ao mesmo tempo passar ao largo de questões vitais para uma sociedade socialista, como o problema da justiça distributiva.

Naquele momento eu procurava avançar na investigação de uma noção que me parecia essencial para uma renovação do pensamento econômico, em busca de uma aproximação com a questão ambiental, que era o conceito de *riqueza*. Minha hipótese, de resto bastante plausível e em absoluto inédita no contexto dos anos 80, era que a questão natural só poderia ser aprofundada dentro da ciência econômica se colocasse o *valor de uso* como preocupação relevante. Os estilos de vida, os padrões de consumo poderiam ser integrados ao estudo da questão ecológica, com repercussões efetivas (e inéditas) sobre a teoria econômica. A reflexão não tinha nada de muito inovador. Naquele momento, meados dos anos 80, muitos autores já haviam apontado que a ciência econômica, numa impressionante unanimidade, de Marx a Bohm-Bawerk, havia expulsado os valores de uso de dentro de seu «contenente» – o que era inquestionável. Por outro lado, em Paris, numa Europa que assistia ao mesmo tempo ao colapso do socialismo real e à incapacidade do capitalismo em apresentar uma perspectiva de futuro menos turbulenta em termos ambientais e sociais, eu podia ouvir semanalmente Ignacy Sachs dizer que, enquanto os economistas se limitavam a enxergar equilíbrios macroeconômicos, projeções econométricas, preços, balanços e

taxas de retorno, na sociedade uma infinidade de coisas essenciais acontece e que é nesse terreno que estariam muitas pistas para o combate à pobreza, ao subdesenvolvimento e à desorganização social.

Ao investigar as definições que a ciência econômica havia criado para a noção de *riqueza* deparei-me com um fato instigante. Com as exceções honrosas de Cantillon, Ricardo e Marx, que haviam dito claramente que a riqueza eram os valores de uso - os bens - de que podiam desfrutar os homens, os demais economistas – todos que enfrentaram a questão - haviam dito que a riqueza era os bens e era determinada pelo valor de troca. Que, portanto, o valor era a medida da riqueza. Toda a economia clássica, dos séculos XVIII, XIX ao início do século XX quando essa preocupação com a definição foi paulatinamente desaparecendo, e todos repetiam a mesma definição: riqueza = valor = preço. Mas, se a riqueza é o valor, o que vem então a ser o valor de troca? Duas escolas se opuseram: uma dizia que era a escassez/utilidade, a outra dizia que era o trabalho/custo de produção. Não poderia aqui mostrar que essa oposição é superficial e quase inútil, mas é essencial admitir que elas podem ser conciliadas: se o valor é expresso pelo preço, o preço tem sempre a ver com custos e com escassez, seja ela material ou simbólica. O *custo*, seja ele avaliado em trabalho ou em utilidades comparadas, determina o essencial dos preços.

A originalidade do meu trabalho, aquilo que parece ter lhe dado um conteúdo inovador, foi perseverar

na inquirição dessa identidade transitiva que colocava como sinônimos riqueza, custo e escassez através do valor de troca (o preço). Havendo identidade, a dimensão-riqueza de um bem qualquer seria evidenciada pelo seu preço e esse preço seria expressão dessa riqueza. Iremos analisar o absurdo a que leva essa tese. Mas antes, seria interessante mostrar de que forma a reflexão de Castoriadis realizada no ensaio «De Marx a Aristóteles...» incitava a percepção do problema que poderia estar inscrito nessa tese da identidade entre riqueza e valor de troca.

Castoriadis havia mostrado que as relações de Valor, que Marx havia, em sua opinião, consubstanciado na fórmula um tanto metafísica de *trabalho abstrato*, era um fenômeno da ordem da convenção social, da lei, da organização, da *instituição* - o *nomos* da sociedade. Ora, a riqueza, que seria impossível separar dos valores de uso envolvia realidades que teriam que ser consideradas, claramente, como da ordem da natureza, seja ela material (um automóvel) ou energética (a luz), portanto, coisas que deveriam ser tomadas como sendo claramente *physis*. O que a Economia Política fizera foi imbricar as duas dimensões, identificando uma à outra, submetendo a lógica da *physis* à lógica do *nomos*, como se fossem uma só coisa, um só fenômeno, uma só realidade.

A que preço isso foi feito? Ao preço da coerência lógica, no domínio da própria lógica identitária (observem que não faremos nenhum recurso à compreensão dialética). Vejamos o argumento

que atravessa todo o capítulo introdutório do livro mencionando apenas dois dentre os numerosos autores pesquisados, embora ressaltando que, entre uma miríade de autores lidos, inclusive em toda a economia política socialdemocrata, que criticou intensamente os economistas "burgueses", nunca encontramos uma objeção clara a essa formulação. Vamos citar apenas os autores mais importantes. John Stuart Mill que foi um influente parlamentar da Câmara dos Lordes ingleses, é considerado o último dos economistas clássicos, herdeiro de toda a tradição da economia política. Seu livro foi o mais lido, mais reeditado e influente manual de economia do século XIX. Léon Walras foi um economista de Lausanne na Suíça que escreveu alguns anos apenas depois de Mill, estabelecendo aqueles que viriam a ser os fundamentos da teoria do equilíbrio, base da moderna teoria econômica. É importante observar que os trechos que leremos, de um e de outro, situam-se nas páginas introdutórias de seus livros, em passagens conceituais, definidoras desse conceito elementar que é a noção de riqueza. Não se trata de passagens herméticas ou pouco elaboradas, de observações laterais perdidas em notas de pé-de-página: são os primeiros passos da ciência.

J.S. Mill começa dizendo que a Economia Política estuda a riqueza e que «ser rico é possuir uma grande quantidade de objetos úteis, ou os meios para adquiri-los»<sup>3</sup>. Isso está fundamentalmente correto, pois sabemos que de fato a riqueza são os valores de uso de que dispõe o homem para seu consumo ou desfrute. Mas logo em seguida Mill acrescenta uma restrição singular, com a qual apenas segue o que haviam proposto dezenas de autores que o precederam, dizendo que «os objetos necessários e úteis [i.e. as riquezas] que não podem ser trocados contra nenhum outro objeto não são riqueza segundo a Economia Política.»<sup>4</sup> Mill afirma aqui que as riquezas que não podem ser trocadas por outras não são riquezas. Isto é, que, se não forem valores de troca, se não tiverem um preço, deixam de ser riquezas ainda que continuem sendo úteis - como o ar, a luz solar, uma bela paisagem, as vias públicas, etc. Ao longo de todo o livro explorei a contradição lógica que está inscrita nessa definição. Lendo Walras, o célebre economista-matemático que nesse terreno apenas segue a senda aberta por seus predecessores, veremos essa ilogicidade surgir em todo esplendor. Como um bom cientista, Walras também começa por definir seu objeto e sua base conceitual. Define ele:

«Chamo de *riqueza social* o conjunto de coisas materiais e

imateriais ... que são *raras*, isto é, que nos são, por um lado, úteis e que, por outro, existem à nossa disposição apenas em quantidade limitada.»<sup>5</sup>

Trata-se de algo que chamei de "cláusula restritiva": a economia são as coisas úteis, materiais ou não, mas só as que são escassas. O que for abundante não é riqueza. Essa cláusula restritiva tem por objetivo implícito, não reconhecido, circunscrever a economia - tida até então e desde sempre como "ciência das riquezas" - à economia de trocas mercantis, onde tudo evidentemente tem um preço. Mas será que a identificação do conceito de riqueza ao que é raro, ou escasso, resiste de um ponto de vista lógico? Walras deve ter pressentido a objeção, pois desenvolve logo em seguida um parágrafo cuja absurdidade lógica revela a contradição na qual se metera a ciência ao definir aquele que deveria ser o seu *mais elementar* conceito.

"Compreende-se, depois disso, qual é aqui o sentido das palavras *raro* e *raridade*. É um sentido científico, como o das palavras *velocidade* em mecânica e *calor* em física. Para o matemático e para o físico, a velocidade não se opõe à lentidão, nem o calor ao frio, como se dá na linguagem vulgar: a lentidão não passa, para um, de uma velocidade menor, o frio não passa, para outro, de um calor menor. Um corpo, na linguagem da ciência, tem velocidade desde que se

<sup>3</sup> J. Stuart Mill, *Principles of Political Economy*, University of Toronto Press, 1848 (1965).

<sup>4</sup> *Ibid.*, p.6.

<sup>5</sup> Léon Walras, *Eléments d'économie politique pure ou théorie de la richesse sociale*, Paris, Librairie Générale de Droit e de Jurisprudence, 1874 (1952), p. 19.

mova e tem calor desde que tenha qualquer temperatura. Do mesmo modo, aqui, a raridade e a abundância não se opõem uma a outra: por mais abundante, uma coisa é rara, desde que seja útil e limitada em quantidade...”<sup>6</sup>

Walras vai até ao final dessa lógica, cavando um poço que poderia bem ter sido o do seu suicídio teórico - se todos não estivessem vendo exatamente como ele via. A água na beira de um lago, abundante, não seria riqueza; se tornar-se escassa, será riqueza. Mill dissera exatamente a mesma coisa: o ar, puro, abundante e disponível para todos, não é riqueza. Mas admitiu, curiosamente, que o fato de não termos de produzi-lo nos torna mais ricos. O que significaria dizer que o ar é uma *não-riqueza* que torna mais rico quem pode dela usufruir! Mas examinemos um pouco mais de perto o raciocínio. Se a riqueza depender da raridade, ela deveria se tornar tão maior quanto maior fosse a raridade/escassez. Assim como o calor ou a velocidade de um objeto. Calor e velocidade crescem na medida em que, numa escala de valores, um corpo fica mais quente ou se desloca mais rápido. O calor vai dos 273° negativos a algo bem quente, como os 15 milhões de graus centígrados do centro do sol, ou mesmo aqueles teóricos 15 bilhões que teriam existido no momento do Big Bang. Assim a velocidade, que é bem baixa entre as tartarugas, torna-se muito alta quando se trata da luz.

E a riqueza, cresce quanto mais escassas forem as coisas úteis?

Quanto mais cara for nossa água, mais ricos seremos? Se fosse assim, as secas, as catástrofes que fazem escassear os alimentos, os açambarcadores que trabalham para produzir uma escassez artificial para ver os preços explodirem, Saddam Hussein, ao incendiar os poços de petróleo, ditadores que inventam guerras seriam grandes benfeitores da humanidade. Na definição de Walras - que, de resto, é a da Ciência Econômica nascente - a riqueza é tão maior... quanto menos ela existir! O absurdo lógico da identificação entre riqueza e valor surge aqui em todo seu esplendor. Erro que Walras chegou a vislumbrar, ao escrever a absurda afirmação de que, nesse contexto, “a escassez e a abundância não se opõem uma à outra” (ibid. p.20)

Constatado o erro, chega a ser impressionante o absurdo lógico da tese. Na verdade a riqueza são as coisas, enquanto que o valor é o índice de sua escassez. Isto vale para o valor-utilidade, assim como vale para o valor-trabalho, a dificuldade de sua produção. Não podem ser vistos numa relação identitária; têm de ser compreendidos numa relação *inversa*. Isso é elementar, e isso não foi percebido nos últimos cem anos - pelo menos entre os que eu li, os que Sachs, Pierre Lantz e Castoriadis leram (três leitores vorazes membros da banca examinadora), o que deve portanto envolver uma boa parte da literatura econômica ocidental.

Depararmos com uma contradição lógica tão flagrante era surpreen-

dente. Mais surpreendente ainda foi perceber que multidões de economistas se formaram lendo estas páginas sem nada perceber de estranho. Simplesmente passaram por elas e seguiram adiante... construindo uma ciência que tinha definido illogicamente seu mais elementar conceito. A riqueza *não pode ser*, ao mesmo tempo, as coisas e a escassez delas. Aqui surgia, era esse meu sentimento, a consistência imaginária do pensamento herdado: todos liam, ninguém percebia. Esta “não-percepção” do erro era uma evidência desse fenômeno que Castoriadis tentou definir como sendo uma herança filosófica abrangente, capaz de impor potencialidades e limites precisos. Mas, de que maneira, concretamente, se explicaria que um tamanho *quid pro quo* tenha sido criado?

A dificuldade surgia da duplicidade própria daquilo que Marx chamou de forma-valor: a mercadoria é ao mesmo tempo valor de uso e valor de troca. O valor de uso exprime a riqueza, o valor de troca dá origem a um preço. O preço exprime relações sociais de troca - todo custo exprime relações sociais de intercâmbio - portanto, um fenômeno da ordem da instituição do social, como Castoriadis veio mostrar cem anos depois. Já o valor de uso, um bem, um produto, é algo relativo à natureza e a construtos derivados da relação entre os homens e ela - portanto, um fenômeno da ordem da *physis*. Que a ciência econômica não tivesse conseguido pensá-los separadamente, como fenômenos que se interrelacionam mas que têm determinações distintas, que

<sup>6</sup> *Id ibid.*, p. 20.

ela os tivesse submetido a uma mesma determinação, a uma mesma lógica, como expressões unívocas de uma realidade única, chegando a afirmar sandices tais que a riqueza social cresce com a escassez, me parecia uma confirmação patente de que o conceito de *pensamento herdado* de Castoriadis apreende alguma coisa que realmente tem alguma pertinência.

Meu trabalho pode então adquirir essa particularidade de pensar algo radicalmente simples, elementar - mas que ninguém havido tematizado, ou talvez ousado tematizar, com toda clareza, em mais de cem anos de história do pensamento econômico. A ousadia de inquiri-lo foi, com certeza, a razão dos elogios que a tese recebeu da banca examinadora, algo que Ignacy Sachs sintetizou numa observação pessoal logo após o ritual de defesa da tese: "você armou uma bomba de efeito retardado em baixo da teoria econômica." Hoje não estaria muito seguro disso, sobretudo porque bastaria a ciência admitir que efetivamente não trabalha com a problemática da riqueza, a não ser pelo seu inverso: a escassez manifesta pelo sistema de preços relativos. Mas tentei mostrar ao longo do livro que esse equívoco lógico teve algumas consequências importantes, dentre as quais o problema ecológico parece ter relevância especial. O escasseamento de bens naturais antes abundantes, o surgimento de custos de despoluição, irracionali-

dades econômicas que apenas produzem custos se tornam índices de uma riqueza crescente, não de uma riqueza decrescente como deveria ser. Muitos epígonos da teoria econômica já haviam identificado temas pontuais: um acidente automobilístico não produz riqueza mas aumenta o PIB; a explosão de uma usina atômica pode deixar um rastro de atividades econômicas subsequentes para recuperar os estragos, nada que acrescente riqueza nova. Outro exemplo: a substituição dos refrigeradores a CFC para reduzir efeitos sobre a camada de ozônio terão um custo que não redundará em conforto imediato extra. Nesta linha, vale anotar um alerta teórico para os economistas: PIB não é medida da riqueza; é medida dos custos de produção da riqueza. Uma diferença sutil, mas não irrelevante.

Nessa trajetória, a economia deixou de ser ciência das riquezas e se tornou ciência dos preços, dos movimentos do mercado. O livro se pergunta, finalmente: existe alguma relevância em se reconstruir este aspecto da ciência? E, por outro lado, seria possível encontrar, nos meandros da ciência, elementos esparsos dessa ciência da riqueza? Nossa resposta era parcialmente positiva, porque elementos havia, parcialmente desalentada, porque eram muito poucos. Alguns autores proporcionaram desenvolvimentos. Cantillon, que mostrou como o estilo de vida pode ser mais ou menos positivo para a reprodução da riqueza social; os fisiocratas

identificaram a importância da sustentabilidade; Ricardo mostrou como os custos de reprodução podem levar a economia à estagnação - modelo até hoje essencial para entendermos a dimensão ambiental da atual crise; Marx mostrou como a lógica do valor pode ser contraditória com a lógica da riqueza; o físico inglês Frederick Soddy mostrou que a questão físico-energética é fundamental na construção de uma ciência que aborde a produção das riquezas e não se limite apenas a fluxos monetários; finalmente, a obra de Sachs continha um extenso inventário dos temas que deveriam ser essenciais. A inflação surge como um desvario do valor, a indexação como uma recusa da sociedade em aceitar que a riqueza pode decrescer, global ou setorialmente, os dramas de estabilização como a realidade de uma riqueza social patinante, e o colapso financeiro como corolário das contradições que levam os valores de troca financeiros a crescerem mais do que a riqueza social. São estes os principais temas do livro.

Em nossa opinião, a ciência econômica adquiriria uma nova dimensão, com fecundidade renovada se fosse capaz de desenvolver sua dimensão como *teoria da riqueza social*, uma ciência capaz de analisar as interrelações entre recursos naturais, a configuração do espaço rural/urbano, a tecnologia, os estilos de vida e as possibilidades de distribuição da renda<sup>7</sup>, a incorporação do trabalho autônomo,

<sup>7</sup> Nesta linha, a dificuldade nas tentativas de distribuição de renda experimentadas historicamente nos últimos anos será vista menos como problema de vontade política do que como rigidez de estruturas produtivas determinadas. A concentração de renda não deveria, assim, ser percebida como problema que pode ser resolvido a nível da renda, exclusivamente, e passa a ser visto como um problema de reconversão de estruturas produtivas.

etc. Tais estudos vêm, com efeito, sendo dispersamente produzidos, sobretudo no campo da ecologia política e seria interessante que se percebesse claramente como temas de uma ciência nem nova, nem antiga, mas seguramente uma ciência ainda em formação – a Ciência da Riqueza Social, na qual os movimentos de mercado têm uma dimensão importante, essencial, mas não absoluta. Nosso papel foi apenas mostrar que se trata de um objeto científico próprio, distinto da teoria do mercado e das trocas, e que ele se constrói ao recuperar um conceito tão obsoleto e aparentemente tão primitivo quanto essencial - o conceito de *riqueza*.

A especificidade, a identidade desse conceito foi destruída por uma extrapolação indevida do uso do conceito de Valor; extrapolação esta motivada pela incapacidade dos economistas em admitir que seu objeto era duplo e determinado por fatores radicalmente duplos – o social e o natural, a convenção e a natureza, o *nomos* e a *physis*. Mais ainda, sua recusa em pensar que o campo do valor, a relação de troca, era distinto e determinado por fatores que nada tinham a ver com uma causalidade natural que não podia ser universalizada, eliminando, por exemplo, o caráter radicalmente político do estabele-

cimento dos valores econômicos. Erguida no interior de uma estrutura filosófica que pensava o social como uma emergência natural, a ciência econômica expulsou o seu lado Natureza e naturalizou o seu lado Social.

A categoria de Pensamento Herdado é difícil de ser pensada. *Monsieur Castoriadis* e seus discípulos, enfrentamos problemas com ela. Mas foi ela que me permitiu visualizar essa estranhíssima situação de uma ciência, a da Riqueza, que foi durante muito pensada pelo seu contrário, a Escassez.

---

\* Professor do Departamento de Economia da FCG/UNA. Diretor de Negócio da Companhia Mineradora de Minas Gerais.

## Carta de Princípios

**A** UNA, instituição civil, propõe-se, como Entidade Mantenedora de estabelecimento de ensino superior: ser agente de aprimoramento do HOMEM em formação universitária e manter-se em alerta através da educação permanente. Nessa dimensão, atua na área de Ciências Gerenciais e mantém a Faculdade de Ciências Gerenciais, com os cursos de Administração de Empresas, Comércio Exterior, Ciências Contábeis, Tecnologia em Processamento de Dados, Ciências Econômicas e Administração de Sistemas de Informação, além dos cursos de aperfeiçoamento, especialização e extensão através do CEPEDERH.

Para melhor explicar a sua filosofia, a UNA considera oportuno definir os valores e objetivos que devem nortear os cursos por

ela mantidos, em consonância com os interesses nacionais permanentes.

Afirma, de início, sua integral adesão aos princípios da livre empresa e da livre iniciativa, ao mesmo tempo em que enfatiza a valorização das atividades da microeconomia, sem desvinculá-las, porém, das atividades da macroeconomia, como a forma mais apropriada de fortalecimento econômico da Pátria.

Considera como elemento essencial ao desenvolvimento da livre iniciativa o clima de ampla liberdade democrática, pelo que define como núcleo da atividade educacional de seus cursos, a educação para a liberdade e para o serviço à comunidade.

Quanto a seus cursos de Ciências Gerenciais, entende que:

- a formação do bacharel ou do profissional em Ciências Gerenciais não é o único objetivo;
  - aspira a formação de profissionais aptos ao governo empresarial, autênticos “tomadores de decisão”;
  - por consequência, seus cursos devem criar oportunidades para que surjam e se aperfeiçoem vocações para a liderança, formando reais “motivadores de desempenho e agentes modificadores da realidade social”.
- Assim, ministrando um curso profissional, seu objetivo se transcende ao da simples formação profissional, para:
- visar à formação integral do educando como HOMEM;

## Carta de Princípios

- instrumentalizá-lo não apenas como um especialista, mas, sobretudo, como um ser pensante;
- inseri-lo numa visão ética da profissão, habituando-o a subordinar a eficiência do desempenho do profissional aos valores permanentes da VERDADE e do BEM COMUM, e capacitando-o a perceber que, acima de seu compromisso com a empresa, está o interesse social, cabendo-lhe, como agente de transformação, colocar a empresa nessa perspectiva.

Entende, ainda, a UNA que a organização pedagógica de seus cursos, embora da competência exclusiva da instituição mantida, deve se ajustar aos valores, objetivos e filosofia aqui definidos.

E quanto à organização curricular, que deve decorrer das decisões dos colegiados competentes do curso, julga que:

- se o objetivo é a formação integral do educando, é imprescindível que haja integração entre os programas das disciplinas que compõem o currículo;

- se o objetivo é a formação integral do educando, a organização curricular há de considerar também o diagnóstico do nível de formação intelectual do estudante que ingressa na UNA, promovendo formas de suprimento das deficiências constatadas;
- se o objetivo é a formação integral do educando são importantes as disciplinas da área profissionalizante e as de aprimoramento cultural; se o objetivo é a formação integral do educando, é essencial que o professor, que atua no curso, se identifique com os valores que norteiam a filosofia educacional da UNA.

# FACULDADE DE CIÊNCIAS GERENCIAIS - FCG/UNA

## Graduação (vagas anuais)

Habilitação em Administração de Empresas  
Duzentos (200) - turnos diurno e noturno

Ciências Contábeis  
Duzentos (200) - turnos diurno e noturno

Habilitação em Comércio Exterior  
Cento e setenta (170) - turnos diurno e noturno

Ciências Econômicas  
Cem (100) - turno diurno

Administração de Sistemas de Informação  
Oitenta (80) - turno noturno

Gestão em Hotelaria, Turismo e Lazer  
Cem (100) - turno noturno

Tecnologia em Processamento de Dados  
Cento e setenta e cinco (175) - turnos diurno e noturno

## Quadro de vagas anuais dos cursos da FCG/UNA:

### 1º Semestre / 1998

Curso	Manhã	Noite	Total
Administração	50	50	100
Contábeis	50	50	100
Comex	40	40	80
TPD	45	45	90
Economia	40	-	40
ASI	-	40	40
Hotel., Tur. e Lazer	-	50	50
<b>Total</b>	<b>225</b>	<b>275</b>	<b>500</b>

### 2º Semestre / 1998

Curso	Manhã	Noite	Total
Administração	50	50	100
Contábeis	50	50	100
Comex	45	45	90
TPD	40	45	85
Economia	50	-	50
ASI	-	40	40
Hotel., Tur. e Lazer	-	50	50
<b>Total</b>	<b>235</b>	<b>280</b>	<b>515</b>

## CENTRO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS E DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS-CEPEDERH/UNA

### Lato Sensu

- Administração Financeira - XLII
- Administração de Recursos Humanos - XXXIX
- Administração Mercadológica - XXXIII
- Administração Estratégica de Sistemas de Informação - XXVIII
- Administração de Comércio Exterior - XV
- Gestão de Empresas - IV
- Negociações Agrícola Internacional

### Stricto Sensu

- **Mestrado em Comércio Internacional** - Acordo entre a Universidade de Marcelino Champagnat, Mendoza - Argentina, a ULAC - Universidade Latino Americana

e do Caribe, a Universidade das Américas de Santiago do Chile e a UNA - Ciências Gerenciais.

- **Mestrado em Contabilidade e Auditoria** - Acordo entre a Universidade do Minho, Braga - Portugal e a UNA - Ciências Gerenciais.

### Extensão

- Metodologia do ensino Superior
- Treinamentos gerenciais direcionados para Empresas Privadas
- Cursos Especiais para Bancos, Empresas e Órgãos

## UNA SHOPPING SCHOOL

- Treinamento e Desenvolvimento de profissionais que já atuam ou pretendem atuar em Shopping Centers (consultoria, cursos de extensão e pós-graduação)

## UNA EXCELÊNCIA

- Iniciativas educacionais visando a formação de profissionais certificados no uso e desenvolvimento de produtos em Tecnologia da Informação.

## UNA INTERNACIONAL

### Acordos

#### *Ohio University*

Atheusm, USA

Curso de Mestrado: Internacional Affairs

#### *Universidad Marcelino Champagnat*

Mendoza, Província de Mendoza, República da Argentina

Curso de Mestrado: Comércio Internacional

#### *Universidad de Córdoba*

Córdoba, Província de Córdoba, república da Argentina

Curso: Mestrado em Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas

#### *Università Degli Studi Di Torino, Itália*

Curso: Mestrado em Sistemas de Informação Contábil

### Credenciamentos

- Ministério de Educación y Ciência de España
- Câmara de Comercio y Industria de Madrid



## IDIOMAS

### • **Curso de Inglês**

- Business English
- General Business Courses
- Business Skills
- Specialized Business Courses
- English for Academic Purposes:
- Academic Skills
- Academic Areas

### • **Preparation for Examinations**

- Cambridge First Certificate
- Cambridge Certificate of Proficiency in English
- Toefl
- Lets

- Michigan
- English for Business and Spoken
- English for Industry and Commerce
- Basic English Course
- English Grammar Course

### • **Cursos de Espanhol**

- Español de Negocios
- Preparación para Exámenes
- Diploma Básico de Español como lengua Extranjera
- Diploma Superior de Español como Lengua Extranjera
- Certificados Básico de Español de Los Negocios
- Certificado Superior de Español de Los Negocios
- Diploma de Español de Los Negocios
- Gramática de Español

## UNA Consult

**A** UNA-Consult é uma das atividades importantes relacionadas ao ensino e à pesquisa exercidas regularmente pela UNA - Ciências Gerenciais, Instituição de tradição e renome, cuja excelência é comprovada em mais de trinta anos de existência.

A UNA-Consult é uma iniciativa empresarial que complementa a missão fundamental da UNA-Ciências, de formação e treinamento em gestão empresarial.

A UNA-Consult se propõe a equacionar as soluções que as empresas sempre requerem, utilizando-se de

metodologia moderna e dinâmica.

Pretende, de maneira objetiva e prática, atender às necessidades empresariais, observando as condições que determinam suas realidades.

Essa proposta de trabalho é acessível à sua empresa, podendo ser demonstrado a qualquer momento por um dos nossos consultores.

A UNA-Consult é coordenada por profissionais competentes e com larga experiência profissional.

## UNA-LEX

*Ementário de Legislação Educacional Brasileira  
Registro no INPI nº 006539521, na classe 11.10  
Pesquisa e Organização: Prof. Antônio de Oliveira  
Assistentes: Valéria Cristina Cândido  
Virgínia Lúcia Teixeira*

**U**na-Lex data de 1976, com remissão à legislação educacional desde 1962. O ano de 1962 marca o início do funcionamento do extinto Conselho Federal de Educação, instalado logo após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, hoje revogada pela nova LDB. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

O acervo ou banco de dados Una-Lex compreende ainda legislação pertinente, com ênfase no ensino superior, anterior a 1962.

De 1976 a 1986, Una-Lex, a par da legislação compilada em fichas, publicou em convênio, o Boletim CONSAE.

De 1988 para cá, Una-Lex passou a trabalhar também com os Cadernos de Legislação, um trabalho atualizado de pesquisas, do professor Antônio de Oliveira. Em 1996 Una-

Lex atingiu mais de cinquenta títulos, por assunto, incluindo coletâneas anuais de 1986 a 1995.

O objetivo desses cadernos é o de tornar acessível um consolidado da legislação sobre cada assunto de interesse do administrador escolar ou secretário de escola superior, passando pelo registro do diploma, até a pós-graduação, inclusive.

Outra vertente do Una-Lex é a realização de Cursos de Legislação do Ensino Superior. Em 1996, no 1º semestre, realizou-se um desses cursos em convênio com a Universidade do Estado de Minas Gerais.

São clientes do Una-Lex, na sua maioria, instituições de ensino superior, universidades e estabelecimentos isolados, de todo o País.

Sensível a todos os matizes das ciências gerenciais, a UNA mantém, pois, há vinte anos, esse rico e fecundo manancial de informações sistematizadas e consolidadas, que, sem dúvida, muito tem contribuído para a gerência das atividades acadêmicas, do norte ao sul do Brasil.

## INTERPÚBLICOS

- Órgão de Assessoramento da UNA-Ciências Gerenciais que planeja e executa as relações entre a Instituição e o seu meio externo;
- Promoção de eventos que projetam a imagem institucional da Organização;
- Assessoria de imprensa, produzindo os jornais "Tempos

& Movimentos", editada duas vezes por semana; "UNAAD" e "Pré-Universidade";

- Produção de matérias, reportagens e releases para a grande imprensa;
- Apoio aos eventos internos e o calendário oficial da Instituição.

## **IPAT - Instituto de Pesquisas "Augusto Tomelin"**

- Promotor de estudos e pesquisas sobre assuntos científicos;
- Estabelece novas metodologias através da execução de trabalhos práticos;
- Divulga temas de interesse da comunidade, especialmente dirigidos a profissionais de áreas diversas;
- Organiza e opera contexto bibliográfico pertinente aos assuntos científicos estudados ou pesquisados;
- Celebra e mantém intercâmbio e convênios com entidades congêneres, estabelecimentos de ensino, organismos públicos e privados;
- Promove artigos e resultados do trabalho de seus membros.

### **Realizações:**

- Edição do Boletim nº 9 - A pesquisa em Ciências Gerenciais;
- Convênio IPAT/UNA com a Directa BDO - Edição semanal de Indicadores Econômicos e Financeiros;
- Convênio IPAT/UNA com o Mercado Comum;
- Editoração e publicação conjunta de peça documental sobre a vida econômico-social do Estado de M.G. - 1.000 personalidades 1995;
- Encontro Empresarial mensal sob a coordenação do Prof. Paulo Roberto Haddad, Prof. Carlos Maurício de Carvalho Ferreira, Prof. Wanderley Ramalho e Dr. Evaldo Luiz Barbosa Fontes.

## Coordenação do Vestibular



- É responsável pela realização da seleção de candidatos à vida acadêmica na FCG/UNA;
- Organiza dois Concursos Vestibulares durante o ano, no primeiro e no segundo semestre, respectivamente;
- Realiza um trabalho contínuo de divulgação dos cursos oferecidos pela FCG/UNA, organizando e participando de palestras e debates junto aos colégios de 2º grau e cursos Pré-Vestibulares em Belo Horizonte;
- Programa e organiza visitas à FCG/UNA, de alunos das principais Instituições de Ensino do 2º grau de Belo Horizonte.

## Escritório de Integração Empresa-Escola

- Oferta de estágios, empregos e oportunidades de experiência de trabalho para alunos;
- Manutenção de banco de currículo para oferta às empresas;
- Administração de convênios e acordos entre a UNA-Ciências Gerenciais e as empresas; Balcão de atendimento C.I.E.E.

## FUNDER - Fundo de Estudos Reembolsáveis

- Crédito Educativo Privado da UNA;
- Atendimento financeiro ao aluno necessitado durante sua formação acadêmica;
- De 20% a 80% do valor da mensalidade vigente;
- Carência de 6 meses após a formatura para reembolso do benefício concedido.

## UNA Júnior - UNA Júnior Consultoria Organizacional

- Complementação da formação profissional dos estudantes da FCG/UNA;
- Serviços de consultoria e assessoria às empresas com acompanhamento técnico pelo corpo docente da instituição;
- Colocação de alunos em contato com o mercado de trabalho, proporcionando-lhes as condições necessárias à aplicação prática de conhecimentos teóricos.

## Conselho de Editoração

- Publicação de trabalhos científicos e de livros técnicos nas áreas de Ciências Gerenciais;
- Incentivo a produção do conhecimento e às pesquisas.

## **AIESEC - Associação Internacional dos Estudantes de Ciências Econômicas e Comerciais**

**A**IESEC é a sigla da Association Internationale de Etudiants en Scieces Economiques et et Commerciales, uma organização internacional, apartidária, independente, sem fins lucrativos e de propósitos educacionais.

Foi fundada em 1948, na Europa, por estudantes de sete países que sentiam necessidades de troca de informações técnico-gerenciais, a fim de auxiliarem na reconstrução daquele continente após a Segunda Guerra Mundial e promoverem um maior entendimento entre suas nações. Ao longo dos anos, a AIESEC expandiu pelo mundo e hoje conta com mais de 87 escritórios nos cinco continentes, sendo que doze destas representações estão em cidades brasileiras, como é o caso da AIESEC Belo Horizonte, que se encontra presente na FCG-UNA. Uma das poucas organizações estudantis reconhecidas pela ONU, mantém "status" consultivo na UNESCO, é considerada organização não-governamental pelo ECOSOC, tendo sido convidada pelas Nações Unidas como representante do setor estudantil na UNCED (Organização das Nações Unidas

para o Desenvolvimento). A AIESEC é também reconhecida pelo "Fórum do Príncipe de Gales", com o qual vem desenvolvendo atualmente um trabalho conjunto; o Programa "Educando Líderes para o Futuro".

Seus valores e princípios básicos residem na crença do respeito mútuo entre as culturas e na igualdade entre pessoas. Sua visão é de paz e seu objetivo principal o desenvolvimento dos países e cidadãos em todo o mundo. Afim de atingir seus propósitos, a AIESEC utiliza, dentre outras coisas, do entendimento e da cooperação internacional criando oportunidades de contrato e interação para jovens de diferentes culturas e nacionalidades, o intercâmbio.

Os estudantes, quer universitários e recém-formados, que compõem esta associação, realizam trabalho voluntário. Através da entidade, os mesmos adquirem habilidades e conhecimentos gerenciais, pois vivenciam experiências práticas que lhes permitem, sobretudo, interagir com seu ambiente sócio-econômico a nível global.

## **UNAAD - Associação dos Diplomados da UNA**

**A**UNAAD, fundada em 10/09/83, congrega os diplomados nos cursos superiores da UNA, a nível de Graduação e Pós-Graduação.

### **Objetivos:**

- Promover a união e a defesa dos interesses profissionais de todos os diplomados da UNA;
- Estreitar os laços sociais e culturais entre os associados e a UNA, contribuindo com esta na manutenção do bom nível de ensino e proteção de sua imagem no cenário nacional;
- Incentivar, por todos os meios, o civismo e o desenvolvimento moral e cultural dos seus associados;
- Promover a divulgação e a acumulação das técnicas, métodos e processos pertinentes às categorias profissionais dos associados;
- Cadastrar e manter um intercâmbio de informações en-

tre os diplomados da UNA, visando a sua total integração;

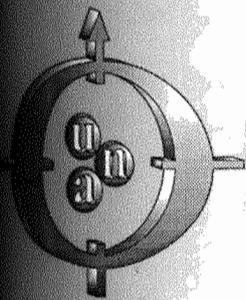
- Analisar ou elaborar estudos pertinentes ao desempenho das categorias profissionais dos associados, apresentando sugestões aos órgãos competentes responsáveis pelo processo decisório;
- Acompanhar as atividades da UNA e das entidades representativas das categorias profissionais dos associados, propondo medidas que possam contribuir eficazmente com o desempenho das mesmas.

A UNAAD, desde o ano de 1994, vem publicando o "Informe UNAAD", um periódico trimestral, especialmente dirigido aos diplomados, que aborda temas atuais de conteúdo técnico-científico, trazendo análise e informações na área das Ciências Gerenciais.

O informe vem, sobretudo, reforçar o compromisso entre a Instituição e seus eternos companheiros, forjado na mais consistente liga: a lealdade.

## **Sistemas de Informações Interligados**

- Internet
- Siscomex
- Renpac
- Minas-Mail
- TV a Ca



# UNA-LEX

**É uma central de informações qualificada, na área da legislação do ensino superior**

**A** *tende a diretores, secretários, assessores acadêmicos, departamentos de educação, procuradorias jurídicas, professores de legislação do ensino e de estruturas educacionais.*

**CONTÉM** *informação atualizada da legislação e jurisprudência aplicáveis ao ensino superior, ditada pelos organismos oficiais, inclusive tribunais.*

**SELECIONA** *aquilo que interessa efetivamente – o substantivo, o que é uma ajuda significativa, particularmente para aqueles que precisam de tempo para dedicar-se a outras atividades igualmente importantes na administração universitária.*

**REPRESENTA** *um assessor especializado, à disposição, em tempo integral, acompanhando o que ocorre no campo da legislação e da jurisprudência, e reunindo informações substantivas, como atividade de apoio ao trabalho, principalmente do Secretário de Faculdade.*

## PUBLICAÇÕES E REALIZAÇÕES

A partir de 1988 Una-Lex passou a trabalhar também com os “cadernos de legislação”, um trabalho atualizado de pesquisas, do Prof. Antônio de Oliveira. Em 1997 Una-Lex atingiu mais de sessenta títulos, por assunto, incluindo coletâneas anuais de 1986 a 1997.

O objetivo dos “cadernos” é o de tornar acessível um consolidado da legislação sobre cada assunto de interesse do administrador escolar ou secretário de escola superior desde o processo seletivo, passando pelo registro do diploma, até a pós-graduação, inclusive.

Outra vertente de Una-Lex é a realização de Cursos de legislação do Ensino Superior.

São clientes de Una-Lex, na sua maioria, instituições de ensino superior, universidades e estabelecimentos isolados, de todo o País.

Sensível a todos os matizes das Ciências Gerenciais, a UNA mantém, pois, há mais de vinte anos esse rico e fecundo manancial de informações sistematizadas e consolidadas, pesquisa de fôlego e inédita, que, sem dúvida, muito tem contribuído para a gerência das atividades acadêmicas, do norte ao sul do Brasil.

## EQUIPE:

- Pesquisador e organizador:  
Prof. Antônio de Oliveira
- Vendas, revisão e acompanhamento  
Ana Luisa Borlido Ribas
- Produção Gráfica e Arte Final:  
Valéria Cristina Cândido.

• Informações: Tel.:(031) 274-2677

• Fax: (031) 222-7014